

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ESTUQUES DECORADOS ISLÂMICOS, DO SÉCULO XI, DO CASTELO DE SILVES

Rosa Varela Gomes¹

RESUMO

Durante as escavações arqueológicas dirigidas pela autora, em 2007 e 2016, no Castelo de Silves, recuperámos no exterior de área palatina do século XII, situada a nascente daquela alcáçova, conjunto de estuques. Estes, encontravam-se tombados sobre pavimento, constituído por massa de cal e areia, muito bem conservado. Os estuques correspondem a sectores de arcarias, decoradas através de relevos, incisões, excisões e pintura, assim como a pedaços de paredes ornamentadas com motivos de carácter arquitectónico, epigráfico, fitomórfico e geométrico. Verificámos que os elementos decorativos policromos daqueles testemunhos foram, propositadamente, cobertos com massa de cal, tendo em vista escondê-los, aspecto que pode ter ocorrido devido a preceitos religiosos, a quando da chegada das comunidades almorávidas àquele território do *Gharb al-Andalus*.
Palavras-chave: Silves, Castelo, Palácio, Estuques decorados.

ABSTRACT

Archaeological excavations conducted by the author in 2007 and 2016, in the Silves' Castle, led to the discovery of an important set of wall plasters fragments outside a 12th century palace, located in an area south-east inside that alcáçova. These architectural elements were laid over a well preserved floor made with a mixture of sand and lime. The plasters correspond to parts of arches possessing reliefs, incisions, excisions and paintings, and sectors of walls decorated with architectural, epigraphic, phytomorphic and geometric motifs. One of the most interesting characteristics of these plasters is the fact that their primitive polychromous decorations were covered with lime, hiding the original work, an action which may be related to some religious precept adopted when the Almorávides arrive in this part of the *Gharb al-Andalus*.

Keywords: Silves, Castle, Palace, Decorated plasters.

1. INTRODUÇÃO

O *Palácio das Varandas*, na alcáçova de Silves, foi famoso no Ocidente Peninsular graças à sua beleza e localização, tendo sido mencionado em eloquente poesia intitulada “*Evocação de Silves*”, da autoria de *al-Mutamid*, rei-poeta de Sevilha, nascido em Beja e falecido em Agmat, em 1095. Ali recorda, com saudade, os tempos de juventude, passados em tal edifício, onde “*moravam guerreiros como leões e brancas gazelas. E em que belas selvas e em que belos covis. . .*” (Coelho, 1975, pp.300-302).

Disponha-se, até 2007, de reduzida informação arqueológica que, muito fragmentada, efectivamente, não reflectia o impacto emocional que conduziu à

expressiva referência literária criada por *al-Mutamid* (Gomes, 2003, pp. 412-430). De facto, ao longo de distintas escavações arqueológicas que temos vindo a realizar, desde 1984, no Castelo de Silves, pusemos à vista sectores de muros, identificados sob palácios almorávidas e almóadas, algum espólio metálico, vítreo, cerâmico e, apenas, pequeno fragmento de estuque de parede, policromo, que atribuímos a sector de palácio do século XI. Esta cronologia foi conferida através de importante sucessão estratigráfica, reconhecida e confirmada através de datações absolutas, durante as intervenções mencionadas (Gomes, 2003, p.468).

Graças ao projecto de musealização do Castelo de Silves, promovido pela Câmara Municipal daquela

1. Instituto de Arqueologia e Paleociências e Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, F.C.S.H.;
rv.gomes@fcsh.unl.pt

cidade, no âmbito do Programa Silves Polis, efectuámos acompanhamento arqueológico da obra referida, entre 2003 e 2007, o que nos permitiu intervir em áreas ainda não investigadas e, entre elas, o sector sudeste da alcáçova. Neste, correspondendo à área exterior e sob as ruínas de palácio almóada ali existente, exumámos fragmentos de estuques pertencentes a sectores de arcarias, decoradas através de relevos, incisões, excisões e de pintura, assim como porções de paredes, ornamentadas com motivos de carácter arquitectónico, epigráfico, fitomórfico e geométrico, que se encontravam sobre pavimento do século XI (Figura 1).

Dada a importância daqueles raros testemunhos, e tendo em atenção a sua fragilidade, pois corria-se o risco de desaparecerem dissolvidos pelas infiltrações de águas pluviais, tivemos oportunidade de realizar nova escavação arqueológica, em 2016, no sector assinalado. Só foi possível efectuar esta campanha graças ao apoio da Câmara Municipal de Silves e, em particular, da sua Vereadora da Cultura, Dr^a Luísa Conduto Luís e da Presidente daquela Autarquia, Dr^a Rosa Gonçalves da Palma, a quem cumpre expressarmos o nosso reconhecimento. Este, estende-se à Câmara Municipal de Albufeira, dada a cedência de técnico especializado em conservação e restauro de estuques e que conosco ali colaborou. A FCSH-UNL ofereceu apoio logístico, através do Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP), tanto aos trabalhos de campo como de gabinete, devidamente autorizados pela Tutela.

Participaram naquela campanha, os técnicos de conservação e restauro da Câmara Municipal de Silves, Dr^a Fátima Silva e Isabel Nunes, o Dr. Pedro Gago, da Câmara Municipal de Albufeira, assim como os alunos do 1^o Ciclo de Arqueologia da FCSH da UNL, Vera Cardoso Gonçalves, Jéssica Teixeira Iglésias, Jaziele Garcia Pereira, Maria João Santos, Miguel Martins de Sousa e João Álvaro Veloso.

Os desenhos de campo e de gabinete estiveram a cargo das Dr^{as} Joana Gonçalves e Sílvia Costa.

2. ESTRATIGRAFIA

A sequência estratigráfica observada coincide, em parte, com a registada nas campanhas anteriores neste sector, identificando-se seguintes camadas arqueológicas:

Camada 1 – Removida em campanhas anteriores;

Camada 2 – Constituída por terras pouco compacta-

das, de cor castanha (5YR 4/3)², apresentando entre 0,20 m e 0,60 m de potência, contendo muitas pedras de arenito vermelho, algumas afeiçãoadas, assim como fragmentos de estuques de paredes, de cor branca, pertencentes a derrube de muro, de palácio almóada, assim como artefactos muito fragmentados. Foi intervencionada, apenas, a base desta camada que terá integrado a ocupação compreendida entre 1191, data da reconquista muçulmana do Castelo de Silves, e a sua tomada definitiva pelos cristãos em 1248;

Camada 3 – Era formada por terras de cor castanha acinzentada (5YR 4/6), apresentando entre 0,30 m e 0,40 m de espessura, guardando muitos pequenos fragmentos de telhas, pedras e nódulos de argamassa de cal e areia, assim como algum espólio arqueológico.

Corresponde à ocupação do Castelo efectuada durante a administração Almorávida-Almóada, que terminou em 1189, com a primeira conquista cristã da cidade;

Camada 4 – Foi subdividida, neste sector, em duas camadas a C4A e C4B. A C4A era constituída por terras de cor castanha (2.5 YR 3 /4), com matriz argilosa, apresentando potência entre 0,10 m e 0,30 m, contendo fragmentos de elementos arquitectónicos, de estuque, que se encontravam tombados *in loco*. A C4B era formada por terras de cor castanha (2.5 YR 2.5/3), contendo abundantes telhas, mostrando entre 0,20 e 0,25 m de potência, que assentavam em pavimento constituído por massa compacta de areia e cal. Exumámos pregos, de ferro, que poderiam ter pertencido a cobertura deste espaço, estruturado com vigas de madeira.

Esta camada deve corresponder, em termos cronológicos, ao Primeiro Reino Taifa de Silves e ao início da permanência Almorávida (Figura 2).

3. ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS

Q279/C4-4 – Fragmento correspondendo, possivelmente, a porção de gelosia. Foi fabricado com massa de cal e areia de cor bege clara. Mostra decoração, em relevo, constituída por dois grandes motivos poligonais entrecruzados, com seis faces, formados por cordões duplos. Mede 0,402 m de comprimento, 0,276 m de largura e 0,052 m de espessura média (Figura 3).

2. Os códigos cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* e, por isso, devem entender-se como aproximados.

Q279/C4-5 – Fragmento, correspondendo a porção de arco. Foi fabricado com massa de cal e areia, de cor branca. A face interior ou intradorso, oferece decoração, em relevo e excisa, composta por faixa central inserida em cartela, delimitada por duas linhas incisivas, decorada com motivo vegetalista esquemático, possivelmente palmetas, pintado de cor vermelha escura. Este encontra-se ladeado por duas faixas cor-de-laranja. A moldura envolvente é composta por volutas em relevo, estilizadas e dispostas em série. Mede 0,132 m de comprimento 0,194 m de largura, e 0,020 m de espessura média.

Q279/C4-6 – Fragmento, correspondendo a porção de arco. Foi fabricado com massa de cal e areia, de cor branca. A face interior ou intradorso, oferece decoração, em relevo, inserida em cartela, delimitada por duas linhas incisivas, preenchida por cordões duplos, formando teoria de motivos em forma de grandes SS unidos. Estes encontram-se pintados de cor vermelha escura e são ladeados por faixas pintadas cor-de-laranja. Mede 0,184 m de comprimento, 0,096 m de largura e 0,050 m de espessura máxima (Figura 4).

Q279/C4-7 – Fragmento, correspondendo a porção de arco. Foi fabricado com massa de cal e areia, de cor branca. A face interior ou intradorso oferece decoração, em relevo e excisa, composta por faixa central contendo sucessão de palmetas, pintadas de cor vermelha escura, ladeadas por duas faixas cor-de-laranja. Conserva-se porção do remate formado por volutas, estilizadas, dispostas em série e adossadas a moldura. Na face correspondente à fachada dianteira observa-se o arranque de moldura vertical. Mede 0,262 m de altura, 0,201 m de largura e 0,130 m de espessura média (Figura 5).

Q279/C4-8 – Fragmento, correspondendo a porção de arco. Foi fabricado com massa de cal e areia, de cor branca. A face interior ou intradorso, oferece, ao centro, decoração em relevo e excisa, composta por faixa central decorada com motivos fitomórficos, pintados de cor vermelha escura, ladeados por faixas pintadas cor-de-laranja. Os frisos envolventes são compostos por pequenas volutas, estilizadas, dispostas em série e adossadas a dupla moldura. A face correspondente à fachada dianteira apresenta porção de moldura vertical. Mede 0,320 m de altura, 0,214 m de largura e 0,164 m de espessura média (Figura 6).

Q279/C4-9 – Fragmento, correspondendo a porção de arco. Foi fabricado com massa de cal e areia, de cor branca. A face interior ou intradorso, oferece decoração em relevo, constituída por faixa, con-

tendo teoria de medalhões, obtidos por excisão preenchidos com motivos fitomórficos, palmetas e bolbos de lótus, rodeados por cordão da eternidade e pintados, de cor vermelha escura. Encontram-se ladeados por duas faixas pintadas, cor-de-laranja. Os frisos envolventes são formados por volutas estilizadas dispostas em série e adossadas a molduras. Mede 0,484 m de comprimento, 0,198 m de largura e 0,046 m de espessura média (Figura 7).

Q279/C4-10 – Fragmento, correspondendo a porção da fachada principal de arco ultrapassado. Foi fabricado com massa de cal e areia, de cor branca acinzentada. A face mostra moldura constituída por duas faixas em relevo de cor branca, separadas por faixa pintada cor-de-laranja, que pertencem ao lado esquerdo de alfiz. O vão do arco encontra-se demarcado, por moldura pintada de cor negra e faixa de cor vermelha. O espaço entre o arco e o alfiz era de cor branca, mas ali reconhecem-se restos de epígrafe pintada de cor negra. Mede 0,96 m de altura, 0,44 m de largura e 0,82 m de espessura média (Figura 8).

Q279/C4-1 – Fragmento, correspondendo a porção de parede. Foi fabricado com massa de cal e areia de cor branca. Mostra decoração pintada, nas cores vermelha e negra, formada por motivo de carácter arquitectónico, onde se pode observar fortificação, constituída por pano de muralha e duas torres, com plantas de forma quadrangular e possuindo ameias. Este motivo encontra-se rodeado por elementos fitomórficos e leteriformes, pintados de cor vermelha escura. Mede 0,128 m de altura, 0,264 m de largura e 0,010 m de espessura média.

Q279/C4-2 – Fragmento, correspondendo a porção de parede. Foi fabricado com massa de cal e areia de cor branca. Mostra decoração, pintada, composta por tema de carácter geométrico, definido através de elementos hexagonais entrelaçados, delimitados nas cores negra e branca. Os espaços interiores daqueles encontram-se pintados nas cores vermelha escura e turquesa. Mede 0,174 m de altura, 0,200 m de largura e 0,080 m de espessura média.

Q279/C4-3 – Fragmento, correspondendo a porção de parede. Foi fabricado com massa de cal e areia de cor branca. Mostra decoração pintada, composta por motivo de carácter geométrico constituído por teoria de losangos, definidos através de elementos entrelaçados, contornados de cor negra e preenchidos de cor branca. O interior dos losangos é de cor vermelha escura ou turquesa. Mede 0,157 m de altura, 0,297 m de largura e 0,036 m de espessura média (Figura 9).

4. INTEGRAÇÃO CULTURAL

Os elementos arquitectónicos descritos, de estuque, foram exumados sobre nível de telhas que assentava, directamente, sobre pavimento de compartimento que integrava a camada 4 deste arqueossítio. Esta constatação sugere que aquela construção terá sido demolida ou destruiu-se o telhado e, a seguir, as paredes e vãos.

Tais testemunhos muito embora encontrados *in loco*, não mostravam qualquer tipo de conexão entre eles, dado dispormos, neste momento, de sectores de arcos que oferecem diversos motivos decorativos indicando, por isso, que pertenceriam a diferentes elementos arquitectónicos ou, quiçá, a uma mesma arcaria, cujos arcos seriam decorados com motivos algo distintos. Todos os estuques foram produzidos com massa de cal e areia de cor branca, branca algo acinzentada ou bege e tanto as ornamentações, como as técnicas neles usadas, ou o facto de corresponderem, maioritariamente, a sectores de arcos, conduzem a aceitarmos tratar-se de testemunhos resultantes de um mesmo programa de edificação. Apenas três dos exemplares por ora inventariados pertencem a sectores de fachadas, de arcos ultrapassados. Estes ofereciam requintadas e distintas decorações policromas, onde predominam temáticas fitomórficas a par de outras geométricas sendo, por vezes, contornadas com cordões entrelaçados, o cordão da eternidade, que, de igual modo, se regista no fragmento de gelosia e, também, em dois elementos pertencentes a paredes. As pinturas presentes nos estuques foram executadas nas cores vermelha, negra e laranja, sendo menos utilizadas as cores branca e turquesa (Gomes, 2013, pp. 68-75). Esta policromia consta tanto nos fragmentos de paredes como no intradorso dos arcos.

Verificámos, durante o levantamento efectuado, que os testemunhos recuperados ofereciam, sobre a decoração policroma, espessa camada de cal branca que, propositadamente, foi utilizada para obliterar e esconder a ornamentação, tanto incisa e excisa, como pintada, que ofereciam.

Os elementos de arcos mencionados são similares a outros, seus contemporâneos, presentes na Aljaferia de Saragoça ou recuperados no Castelo de Balaguer (Alòs e Solanes, 2010, pp. 52-67; Martín-Bueno e Sáenz Preciado, 1998, p. 258). Todavia em ambos casos, as decorações existentes no intradorso das arcarias oferecem, apenas, pintura, com temáticas

fitomórficas e geométricas, enquanto nos exemplares de Silves as ornamentações foram efectuadas através de excisão e de incisão dos motivos decorativos. Esta técnica observa-se, embora com diferentes temáticas, tanto na fachada como no intradorso, das arcarias existentes no lado ocidental do salão de Abd al-Rahman III, em Madinat al-Zahra (Acién Almansa, 2000, p. 47).

O fragmento de gelosia (Q279/C4-4), decorado com motivos geométricos poligonais, além de conferir claro efeito decorativo, permitia filtrar a luz que entrava no interior de compartimento. Com essa função foram empregues gelosias nas janelas laterais da Mesquita de Córdoba, realizadas em mármore, mandadas executar, possivelmente, durante as campanhas de obras de al-Hakam II (961-976) (Stierlin, 1997, pp. 90-93). Gelosias estão, de igual modo, patentes em janela dupla, datada do século XI, do palácio da Aljaferia de Saragoça (Stierlin, 1997, p. 186). Somente um fragmento de estuque de parede (Q279/C4-1), oferece temática decorativa de carácter arquitectónico, que constitui representação pouco comum no mundo islâmico peninsular. Os outros dois fragmentos de paredes apresentam decoração geométrica. Esta, regista-se, de igual modo, nos estuques reconhecidos nas paredes do sector noroeste do Jardim Alto em Madinat az-Zahra, onde foram representados motivos losangulares e fitomórficos, nas cores vermelha escura e branca (Vallejo Triano, 2010, pp. 337-340).

As cores observadas nos testemunhos mencionados, além de dependerem do gosto do arquitecto que planeou o espaço, poderiam possuir simbologia própria. A cor mais representada foi a vermelha, que simboliza a vida, e foi muito utilizada, com variantes cromáticas, ao longo da permanência islâmica no *al-Andalus* (Chebel, 2001, p.123). A junção da cor vermelha com a amarela dá origem à cor-de-laranja, de igual modo usada nos estuques silvenses. Estes oferecem, ainda, pequenos apontamentos de cor branca que, “segundo o Profeta Maomé... Deus criou o Paraíso branco”. A cor negra, embora represente a morte, está muito presente no Islão dado ter sido a utilizada na indumentária usada pelo Profeta, a quando da conquista de Meca (Chebel, 2001, pp.122-124). Aquela cor foi empregue, somente, para delinear os motivos figurados dos estuques e, em particular, os de parede.

A anulação da policromia nos elementos arquitectónicos de Silves, através da utilização de espessa

camada de massa de cal, tendo por objectivo a uniformização, através da cor, tanto das arcarias como das paredes, poderá relacionar-se com a presença da administração almorávida que, a partir de 1094, se terá instalado na Península Ibérica e, possivelmente, em data próxima daquela em Silves.

Aquela comunidade preconizava a implementação de rigorosos preceitos islâmicos, onde tudo o que fosse supérfluo devia de ser banido. A simplificação das temáticas decorativas está bem patente nas mesquitas de Nédroma, de Alger ou mesmo na de Qarawiyiîn, em Fez, onde a decoração, muito singela, se concentra junto aos respectivos *mihrabs* (Golvin, 1979, pp.170-241; López Guzmán, 1995, pp.107-116). Naqueles edifícios religiosos predominam as ornamentações geométricas, algumas fitomórficas, com o objectivo de implementar uma renovação do Islão, através da recuperação da verdadeira Fé.

É possível que após a demolição da área palatina do século XI, da alcáçova de Silves se tivesse construído outra, eventualmente no período compreendido entre 1128 e 1139. Esta cronologia corresponde à data em que terá sido cunhado quirate almorávida (Q138/C2), que encontramos no acesso a palácio almorávida/almóada, sob as pedras do pavimento. Muito embora o numisma referido não possuísse indicação de oficina ou de data, apresentava o nome de *Ali ben Yusuf* e a nomeação do seu herdeiro, *Emir Sir*, o que permite atribuir-lhe a cronologia mencionada (Gomes, 2003, p. 53).

Os estuques, do século XI, do Castelo de Silves constituem testemunhos raros no panorama nacional, dado não se conhecerem outros, como por se encontrarem associados à mítica residência palatina que *al-Mutamid* cantou “*Sáuda o Palácio das Varandas da parte de um jovem que sente perpétua saudade daquele alcácer...*” (Coelho, 1975, pp. 300-302).

BIBLIOGRAFIA

ACIÉN ALMANSA, Manuel (2000) – 15 años de investigación sobre Madīnat al-Zahrā. In *Madinat al-Zahra, 1985-2000, 15 años de recuperación*. Córdoba: Ed. Junta de Andalucía, Consejo de Cultura, pp. 25-55.

ALÒS, Carme; SOLANES, Eva (2010) – Els elements arquitectònics i ornamentals. In *Catàleg de la col·lecció de materials andalusins del Museu de la Noguera*. Noguera: Museu de la Noguera, pp. 52-67.

CHEBEL, Malek (2001) – *Dictionnaire des Symboles Musulmans*. Paris: Ed. Albin Michel.

COELHO, António Borges (1975) – *Portugal na Espanha Árabe*. IV. Lisboa: Seara Nova, col. Paralelos.

GOLVIN, Lucien (1979) – *Essai sur l'Architecture Religieuse Musulmane*. Paris: Éditions Klincksieck.

GOMES, Rosa Varela (2003) – Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus – A Alcáçova, *Trabalhos de Arqueologia*, nº 35. Lisboa: I.P.A.

GOMES, Rosa Varela (2013) – *Arquitecturas – Testemunhos Islâmicos em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Aga Khan Trust For Culture.

LÓPEZ GUSMÁN, Rafael Jesús (1995) – La Arquitectura de los Almorávides. In *La arquitectura del Islam occidental*. Madrid: Lunwerk, pp. 107-114.

MARTÍN-BUENO, Manuel; SÁENZ PRECIADO, Juan Carlos (1998) – Los materiales arqueológicos. In *La Aljaferia*. Zaragoza: Cortes de Aragon, pp. 250-300.

STIERLIN, Henri (1997) – *Islão, de Bagdade a Córdoba, A Arquitectura Primitiva do Século VII ao Século XIII*. Lisboa: Taschen.

VALLEJO TRIANO, Antonio (2010) – *La Ciudad Califal de Madīnat al-Zahrā, Arqueología de su Arquitectura*. Córdoba: Editorial Almuzara.

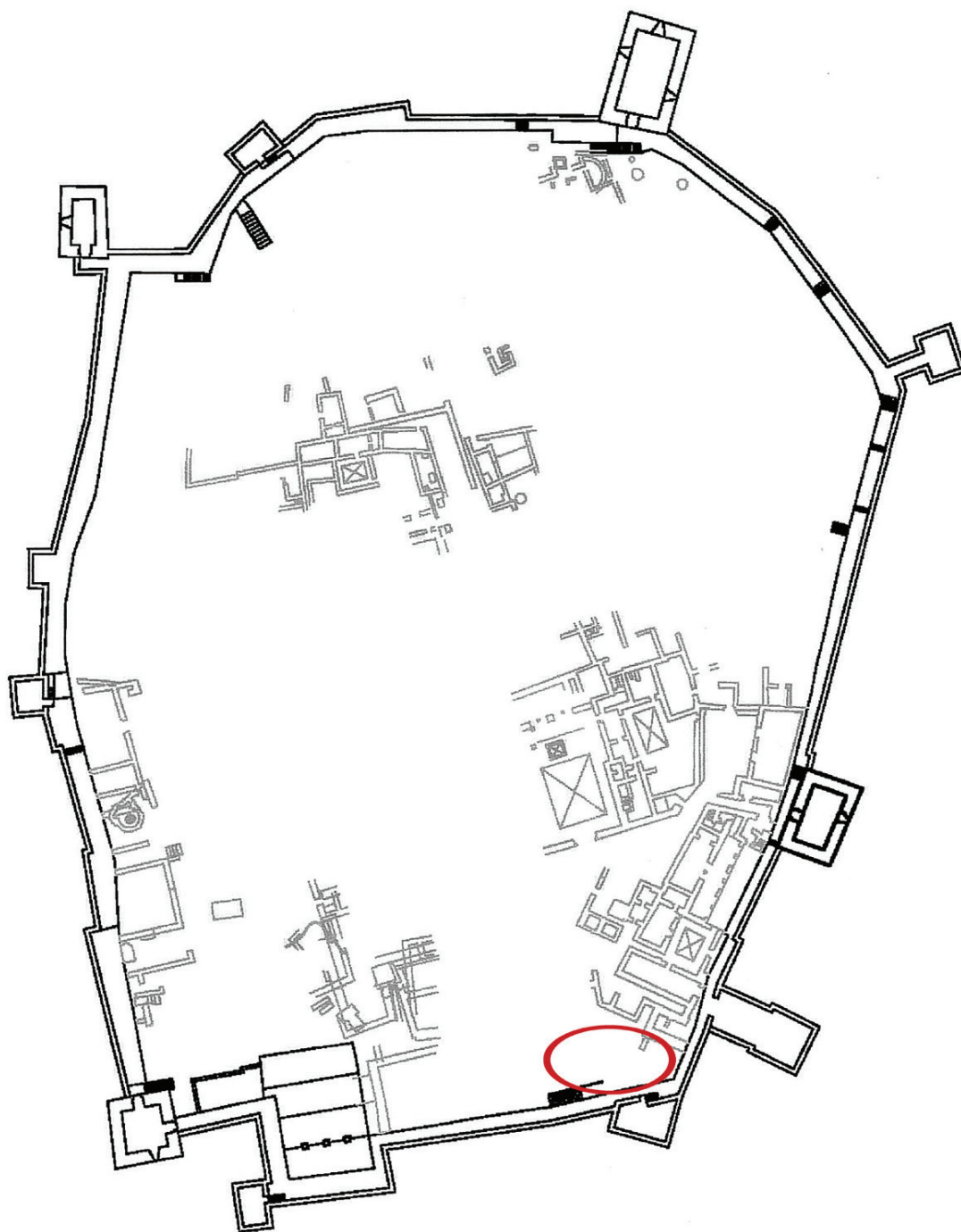


Figura 1 – Castelo de Silves. Planta esquemática dos testemunhos arquitectónicos identificados, com indicação da área do sector sudeste, onde os estuques foram descobertos (lev. R. Cunha, C. Gaspar, A. Machado e S. Costa).

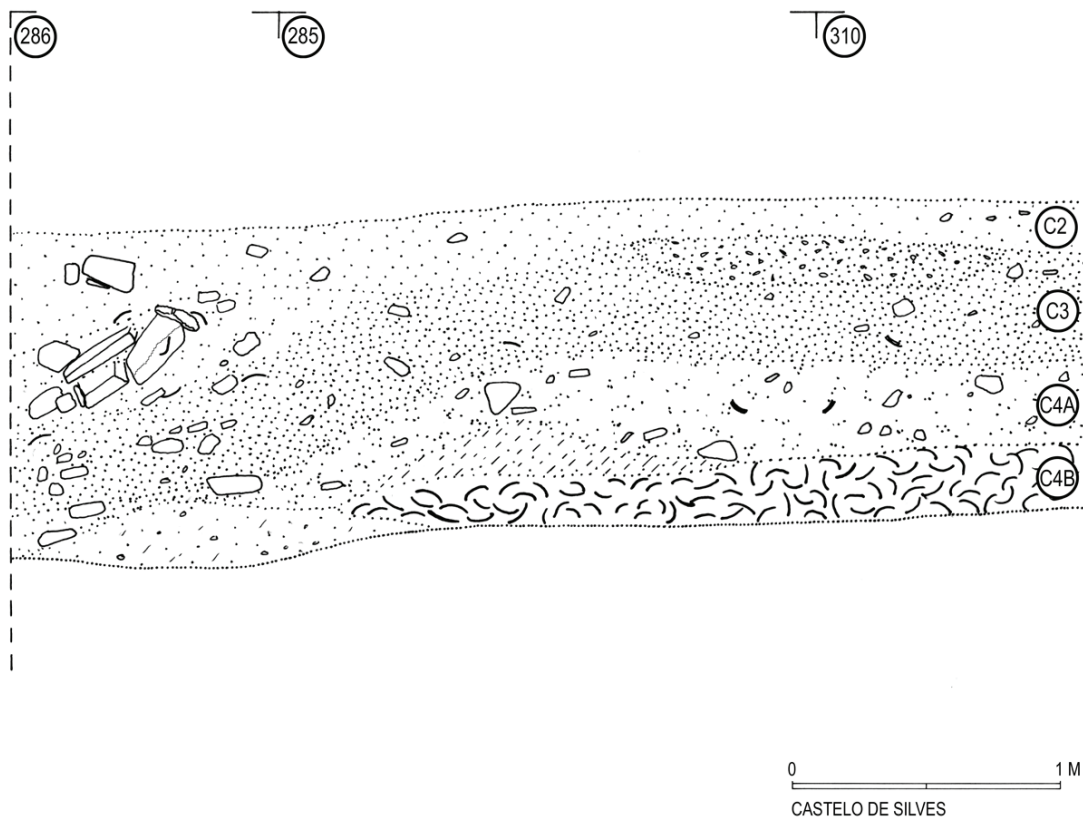


Figura 2 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Corte observando-se sucessão estratigráfica da camada 2 à camada 4 (A e B) (lev. J. Gonçalves).

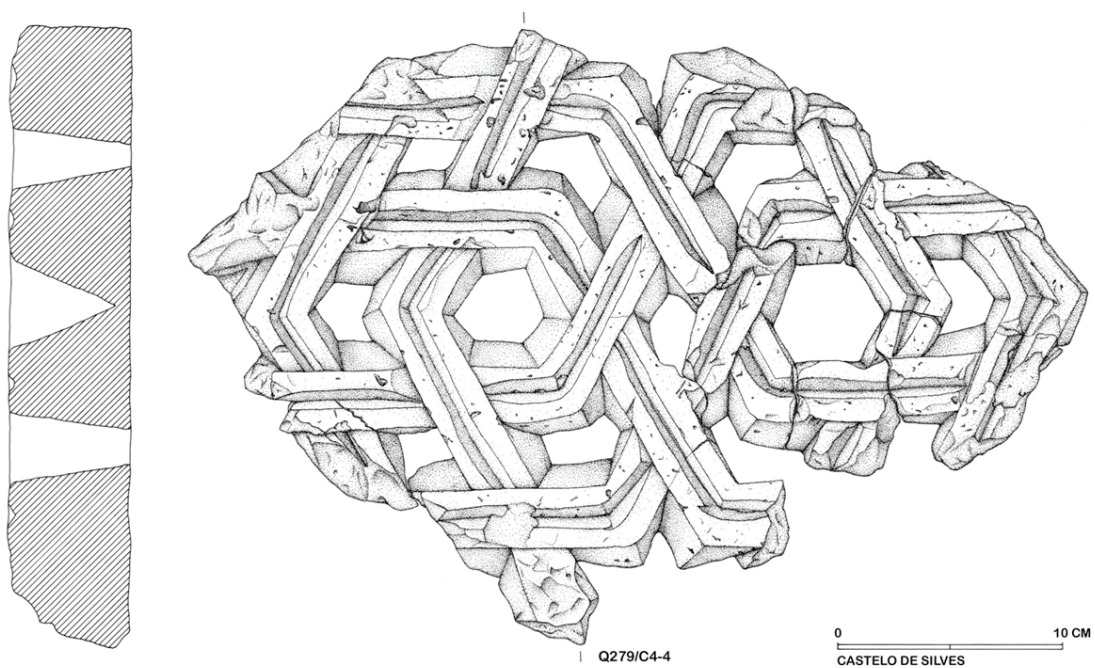


Figura 3 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmento de gelosia em estuque (des. S. Costa).

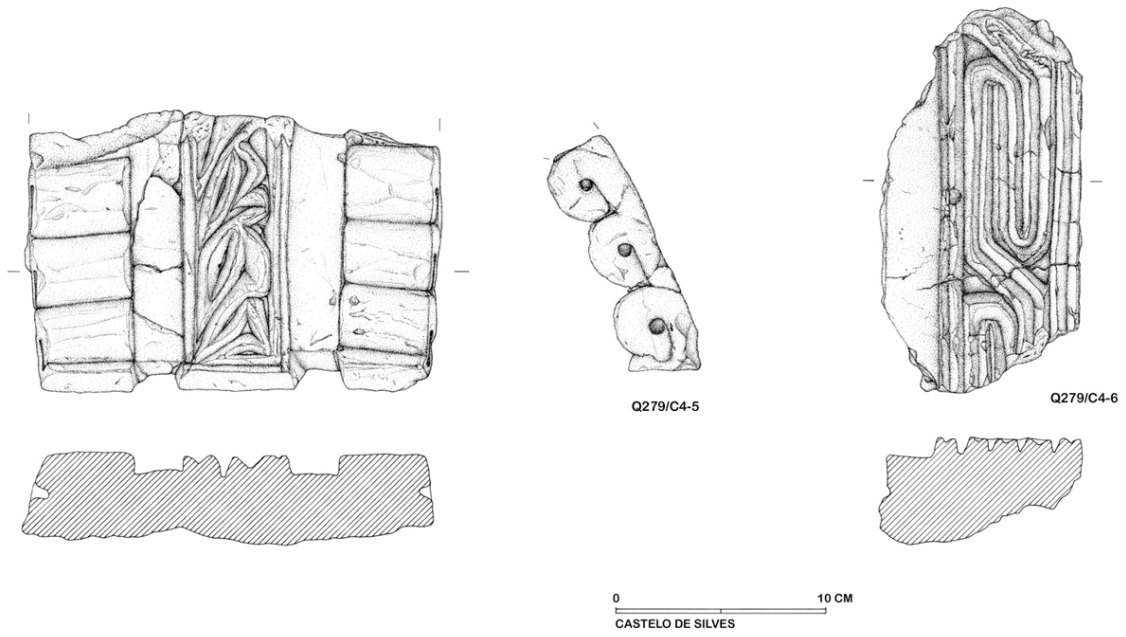


Figura 4 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmentos de arcos em estuque (des. S. Costa).

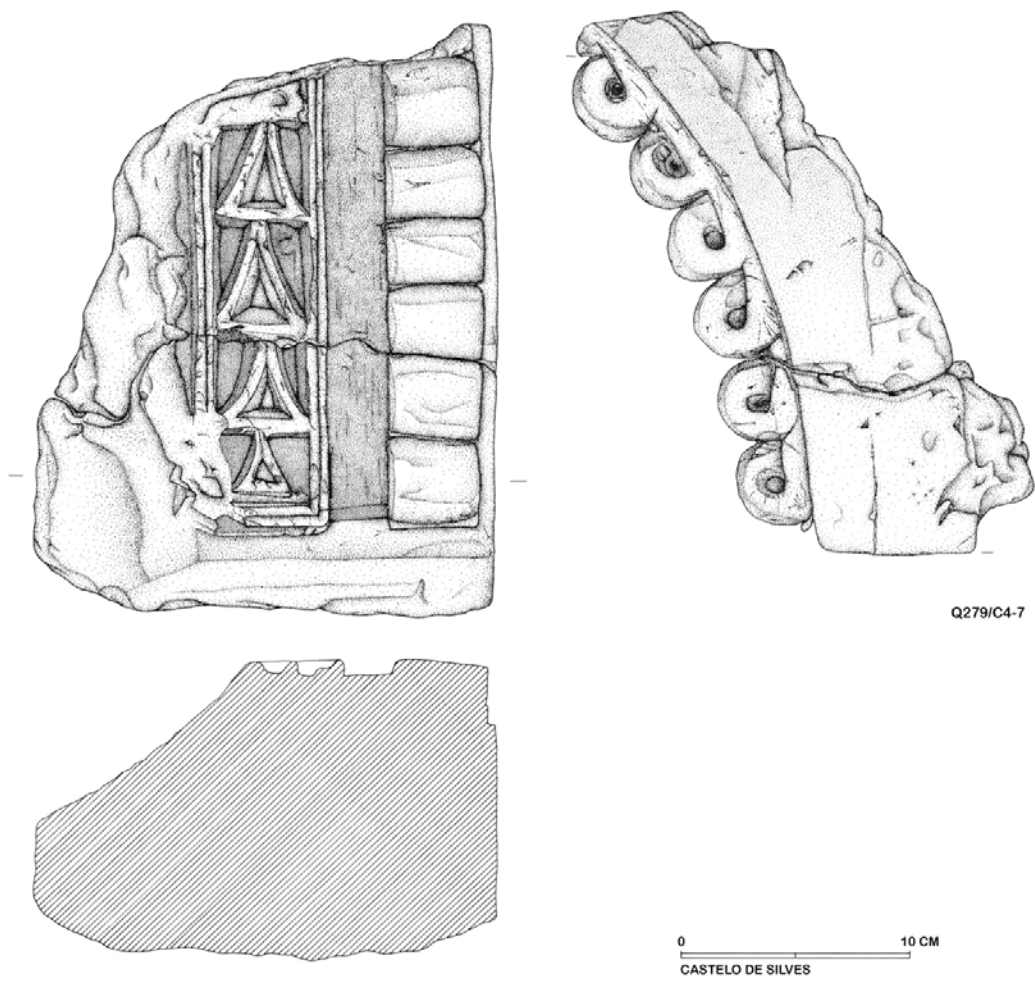


Figura 5 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmento de arco em estuque (des. S. Costa).

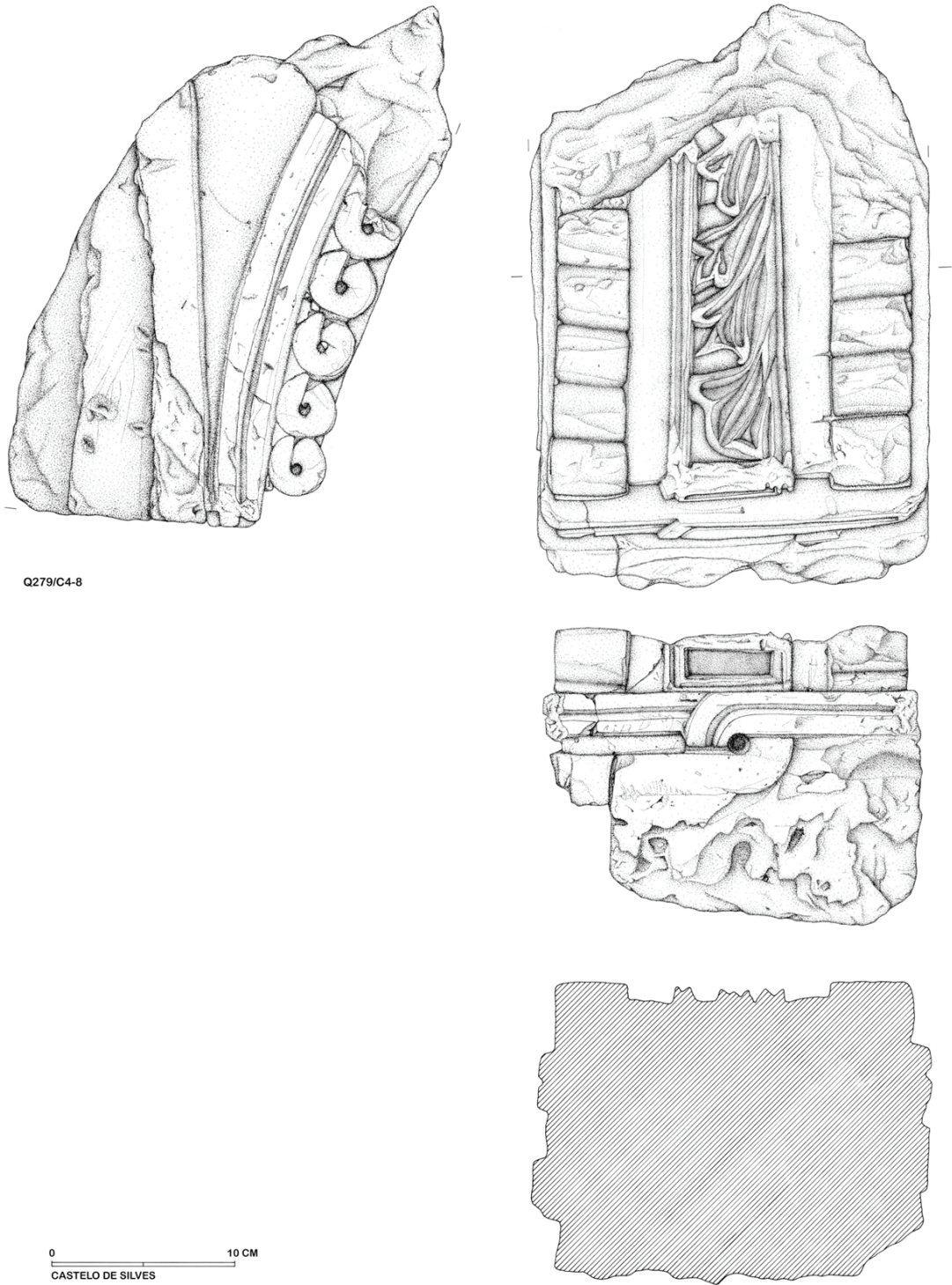


Figura 6 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmento de arco em estuque (des. S. Costa).

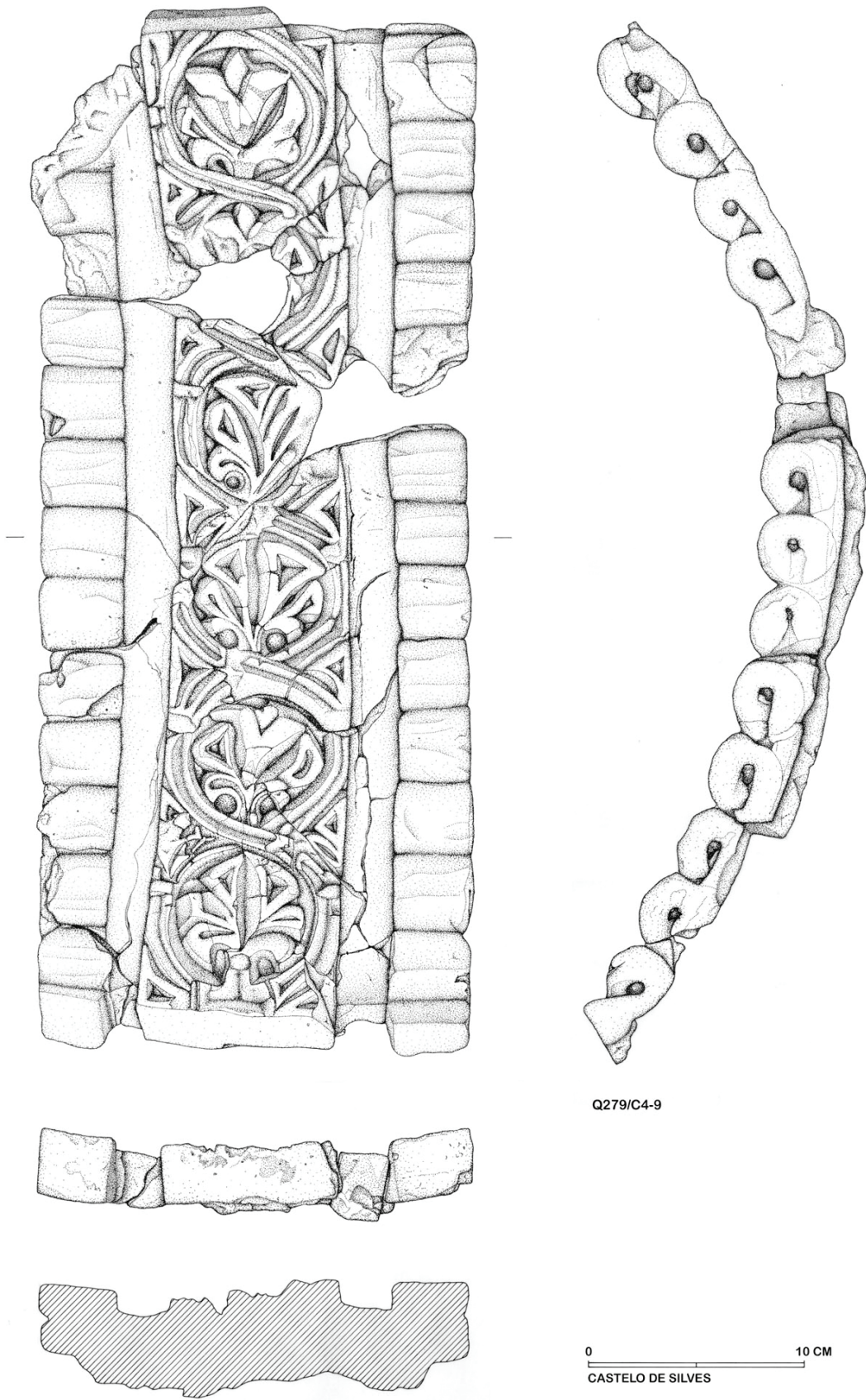


Figura 7 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmento de arco em estuque (des. S. Costa).

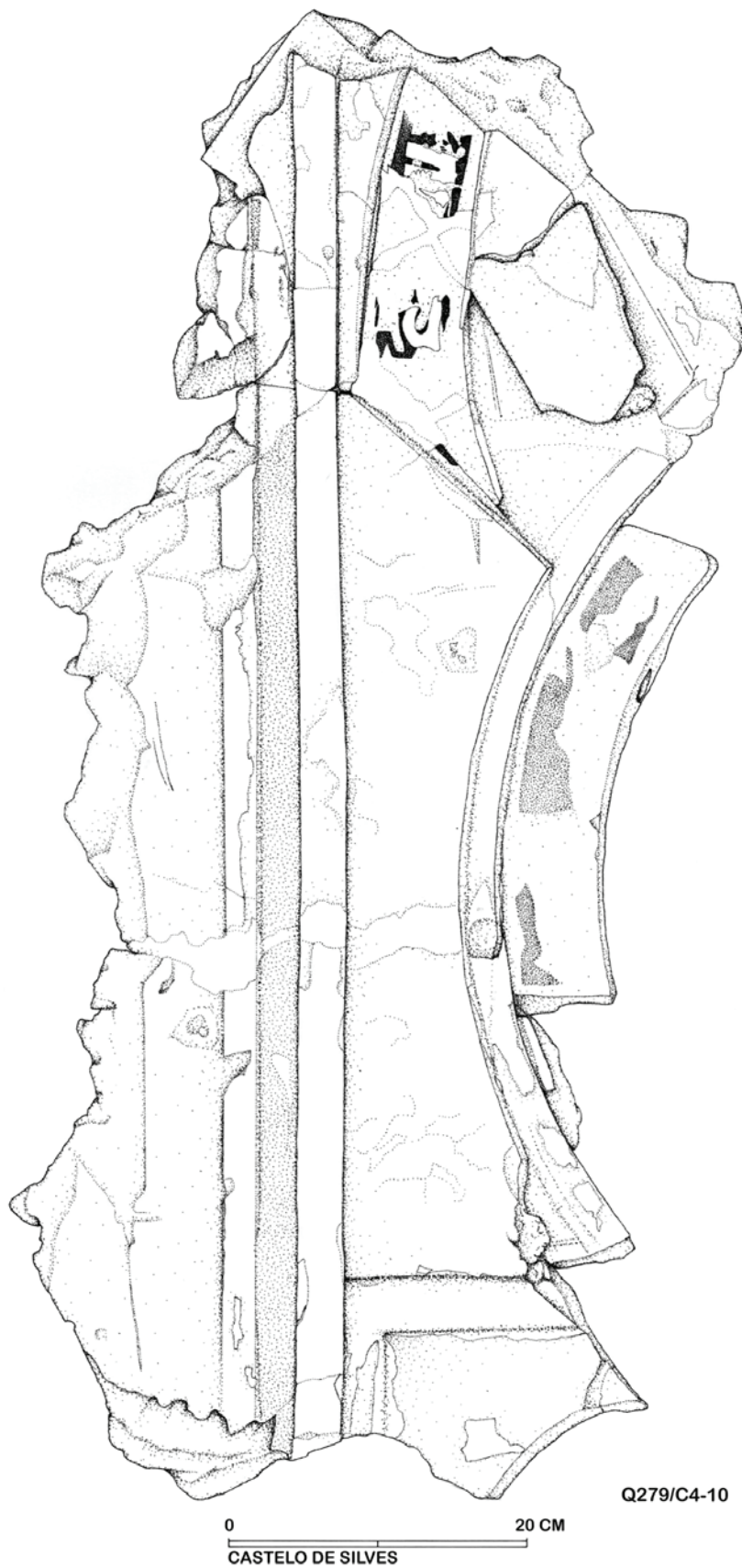


Figura 8 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmento de arco ultrapassado em estuque (des. S. Costa).

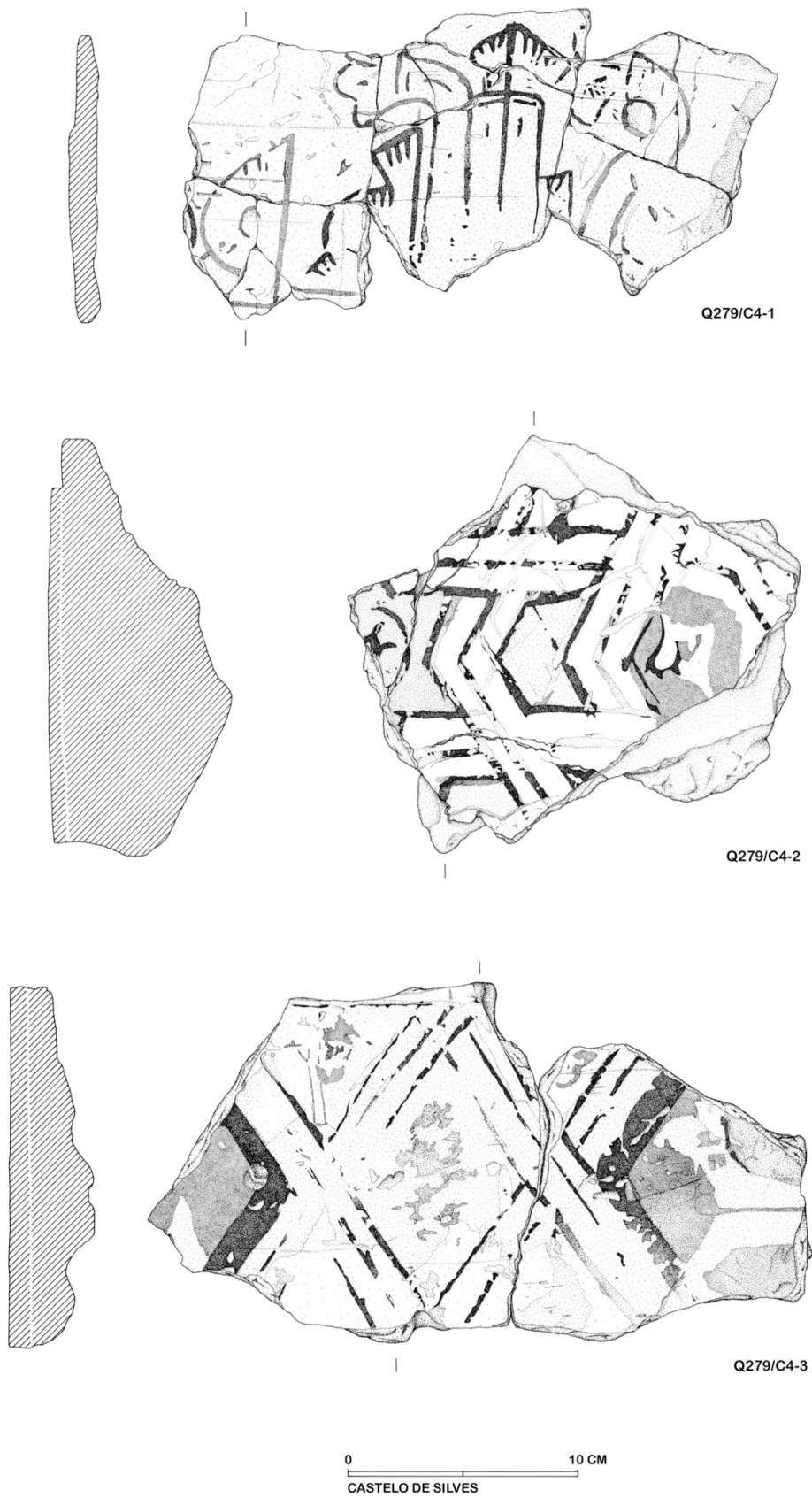


Figura 9 – Castelo de Silves. Sector sudeste. Fragmentos de estuques policromos de parede (des. S. Costa).

